

A cidade social. Impasse. Desenvolvimento. Fragmento

Ricardo Carvalho

Ricardo Carvalho

Arquitecto por la Instituto Superior Técnico U.T.L

Centro de Investigación:

Universidade Autónoma de Lisboa

ricardocarvel@hotmail.com

RESUMEN

La construcción del barrio, como un vehículo para la reflexión interdisciplinaria sobre la relación entre la vivienda y la ciudad no conocía de la implementación de modelos internacionales de reforma. Sin embargo, era posible encontrar la aplicación ocasional. Éstos se caracterizan por la reinención de la relación de la vivienda con la forma urbana. En estos casos, se podría argumentar que pretendía imponer progresivamente el espacio colectivo en el privado, así como la reinención de la célula de vivienda con el fin de establecer un modelo reproducible y universal de aplicación masiva.

Palabras clave: Ciudad social, barrio, forma urbana, habitat, vivienda.

ABSTRACT

The construction of the neighborhood, as a vehicle for interdisciplinary reflection on the relationship between housing and the city did not know of the implementation of international reform models. However, it was possible to find the occasional application. These are characterized by reinventing the relationship of housing to urban form. In these cases, one could argue that the group intended to gradually impose on the private space and the reinvention of the cell housing in order to establish a reproducible model of mass and universal application.

Keyword: Time, field, event, alloy, transformation.

Passado um século sobre o início da construção de bairros de promoção pública em Portugal, é possível encontrar estudos monográficos sobre obras específicas, sobre a actividade de determinada instituição promotora, mas não é comum encontrar investigação que articule as diferentes obras entre si e que explicita as suas matrizes e desenvolvimentos posteriores. Este é o objectivo desta comunicação que propõe uma análise crítica da promoção de habitação de interesse social entre as décadas de 1930 e 1970.

A construção do bairro, como um veículo de reflexão disciplinar sobre a relação entre a habitação e a cidade não conheceu a aplicação dos modelos reformistas internacionais de modo unívoco. Foi contudo possível



FIGURA 1. BAIRRO OPERÁRIO/ BAIRRO ECONÓMICO NOSSA SENHORA DA ASSUNÇÃO, OLHÃO, 1936. PLANTA GERAL S/D, ARQUIVO SIPA/IHRU/DIBA/FORTE DE SACAVÉM.

localizar a aplicação pontual dos mesmos. Estes caracterizam-se pela reinvenção da relação da habitação com a forma urbana. Nesses casos pode defender-se que se procurou fazer prevalecer, progressivamente, o espaço colectivo sobre o privado, bem como da reinvenção da célula habitacional de modo a fixar um modelo reproduzível e universal de aplicação massificada. Referimo-nos ao arco que percorre, genericamente, o programa das Casas Económicas, de Renda Económica, da Federação da Caixa de Previdência até ao S.A.A.L.

O conjunto de obras construídas em Portugal neste âmbito constitui uma história de cruzamentos de várias matrizes, balizadas entre a Cité Ouvrière e a Carta de Atenas, com destaque para a Garden City, e para os Siedlungen da República de Weimar, gerando respostas híbridas.

A reflexão sobre o habitat, a habitação colectiva e da forma urbana, deparou-se com a ausência de uma política de industrialização. Esta ausência iria colocar em causa a adopção incondicional dos modelos teóricos arquitectónicos e urbanísticos (especialmente operativos em França, Reino Unido e Alemanha). Estes modelos tomavam a cidade resultante do processo de industrialização como o centro de irradiação das suas propostas reformistas—na senda da Cidade Social. O resultado desde facto na cultura arquitectónica portuguesa é um impasse na aplicação dos modelos até 1930, seguido de desenvolvimento dos mesmos a partir do final da década de 1940, no contexto do Segundo Pós-Guerra e uma posterior fragmentação destas abordagens na década de 1970. Procura este texto contribuir para divulgar estas obras e a qualidade de alguns exemplos, bem como para a necessidade de protecção patrimonial das mesmas. Pretende-se ainda o confronto entre modelos de habitação de interesse social, a partir de uma leitura da disciplina da arquitectura.

O conjunto de obras construídas em Portugal no âmbito da escala do Bairro, constitui uma história de cruzamentos de várias matrizes internacionais, balizadas entre a Cité Ouvrière e a Carta de Atenas, com destaque para a proposta cronologicamente intermédia da Garden City, e dos Sied-



FIGURA 2. BAIRRO OPERÁRIO/ BAIRRO ECONÓMICO NOSSA SENHORA DA ASSUNÇÃO, OLHÃO, 1936. FOTOGRAFIAS DO ESPAÇO PÚBLICO CENTRAL, 2012.

FIGURA 3. CARLOS RAMOS. BAIRRO MUNICIPAL DE OLHÃO. PLANTA S/D ARQUIVO C.R. BAIRRO MUNICIPAL DE OLHÃO.

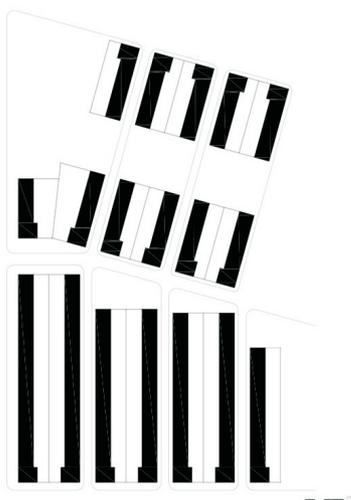
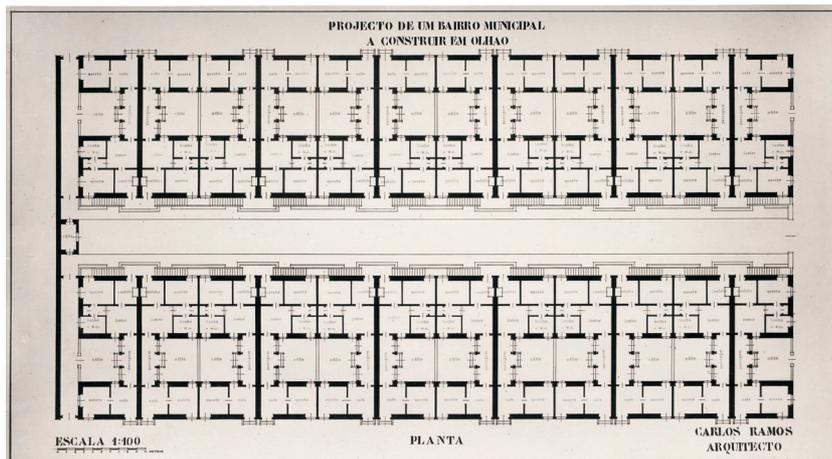


FIGURA 4. INÁCIO PERES FERNANDES. BAIRRO OPERÁRIO, OLHÃO, 1945-1949. FOTOGRAFIA DE 2011.

FIGURA 5. INÁCIO PERES FERNANDES. BAIRRO OPERÁRIO, OLHÃO, 1945-1949. PLANTA SÍNTESE.

lungen, gerando respostas híbridas, com uma cronologia que, apenas pontualmente, se liga ao contexto internacional.

Outro ponto que permite relacionar as obras produzidas entre 1930 e 1970, num número significativo de exemplos, consiste no facto de a matriz de várias propostas recorrer a princípios de organização semelhante, e a técnicas construtivas não standartizadas, independentemente das condições sócio-políticas da sua encomenda. Falamos do sistema de associação back-to-back, da associação de células em banda, da baixa densidade horizontal.

Embora a expressão arquitectónica dos bairros construídos em Portugal se altere ao longo das décadas, num progressivo afastamento dos códigos associados à produção do Estado Novo, a génese dos projectos referidos, ao nível da forma urbana e da densidade, é semelhante e passível de utilização até ao período do SAAL, na década de 1970. Uma das justificações para este facto é a ausência de uma política de industrialização que permita, ou obrigue, a uma estratégia que adoptasse outras soluções no que diz respeito ao modo de agrupamento e à densidade, bem como ao processo construtivo dos conjuntos habitacionais.

A reflexão sobre o habitat, a habitação colectiva e da forma urbana, no interior da disciplina, deparou-se sempre com o facto da ausência de uma política de industrialização. Esta ausência iria colocar em causa a adopção incondicional dos modelos teóricos, arquitectónicos e urbanísticos que na sua génese foram apelidados de Cité Ouvrière, Garden-City ou Carta de Atenas (especialmente operativas em França, Reino Unido e Alemanha). Estes modelos tomavam a cidade-industrial (ou a cidade resultante do processo de industrialização) como o centro de irradiação das suas propostas reformistas.

A reflexão sobre a relação entre sociedade e território, que se manifestou na configuração do habitat, foi a base de propostas cujo lastro iria alimentar a investigação no âmbito da arquitectura, da forma urbana e da habitação colectiva na Europa. Ainda no século XIX surgiram as primeiras



propostas para uma cidade alternativa à cidade industrial construída sobre a cidade histórica – uma sobreposição que gerou a densificação nos bairros onde os trabalhadores da indústria se alojavam, na maioria das situações, em condições de grande precaridade.

Uma das propostas pioneiras para a construção de uma alternativa reprodutível foi a Cité Ouvrière, na cidade francesa de Mulhouse, em 1853. A matriz desenvolvida pelo engenheiro Émile Muller, para as cidades operárias baseia-se na fixação de traçados hipodâmicos de baixa densidade, e recorre à repetição de um tipo habitacional, em sistema back-to-back, para a organização urbana. O seu agrupamento em grelha, de casas em banda com espaço exterior de horta, destinadas a uma população operária foi amplamente retomado em contextos diversos, incluindo o Português do início do século XX, quer nos bairros iniciados na República, quer nos bairros de Casas Económicas construídos a partir da década de 1930.

Mas a formulação da Cité Ouvrière não possuía a capacidade de extrapolação teórica que um modelo urbano e social para a resolução da cidade industrial exigia, porque a sua razão existencial estava ligada a um assentamento industrial do qual dependia em absoluto. A Cité Ouvrière embora se tenha assumido como um modelo urbano de baixa densidade horizontal, não deixou de ficar circunscrita à dimensão de bairro, destinado a uma população homogénea com determinadas características sociais. Tinha desse modo a configuração que a política de habitação do Estado Novo procurou imprimir a partir de 1933.

A procura de uma solução para a cidade massificada e já sem limites físicos definidos, entre o final do século XIX e o início do século XX, caracterizou-se pelo surgimento de um conjunto de propostas muito distintas, onde encontramos os manuais de urbanística da tradição germânica, elaborados sobre a necessidade da criação da infra-estrutura e da qualidade da forma urbana, como o de Joseph Stubben, *Der Städtebau* [1], e as propostas reformistas com vista à criação de uma cidade social, não forma-



FIGURA 7. INÁCIO PERES FERNANDES. BAIRRO OPERÁRIO, OLHÃO, 1945-1949. PLANTA SÍNTESE.

FIGURA 6. INÁCIO PERES FERNANDES. BAIRRO DOS PESCADORES, FUSETA, 1945-1949. FOTOGRAFIA S/D.

[1] Joseph Stubben, *La Construction des Villes: règles pratiques et esthétiques à suivre pour l'élaboration de plans de villes: rapport présenté au Congrès International des Ingénieurs de Chicago, 1893, Paris, E. Lyon-Claesen, 1895.*



FIGURA 9. EUGÉNIO CORREIA. BAIRRO ENGENHEIRO DUARTE PACHECO, OLHÃO 1948-1953. FOTOGRAFIA S/D ARQUIVO HORÁCIO NOVAIS/F.C.G. B.A.

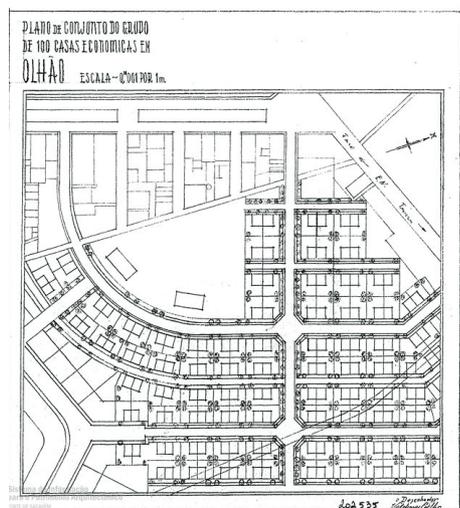


FIGURA 8. EUGÉNIO CORREIA. BAIRRO ENGENHEIRO DUARTE PACHECO, OLHÃO 1948-1953. PLANO DE CONJUNTO DO GRUPO DE 100 CASAS ECONÓMICAS, S/D. ARQUIVO SIPA/ IHRU/ DIBA/ FORTE DE SACAVÉM (ESQUERDA).

lizada, como a de Ebenezer Howard, que publicou em 1898 o livro *Garden Cities of To-Morrow* [2]. A questão da cidade operária não deixaria contudo de estar presente nas várias formulações da urbanística e da arquitectura iria diluir-se nas propostas da Garden-City, da Wiener Gemeindebauten, nos Siedlungen, no programa I.N.A. Casa em Itália e até no programa SAAL em Portugal.

Esta genealogia da cidade operária inclui as colónias operárias germânicas Krupp, do final de oitocentos, ou a proposta de 1917 para uma *Cité Industrielle*, de Tony Garnier; mas foi Howard que elaborou um modelo que poderia fazer coexistir a cidade e o campo, a indústria e a agricultura, num sistema de relações em desejado equilíbrio social. Desse modo e até à divulgação da Carta de Atenas, a partir da década de 1940, o modelo aberto da Garden-City seria amplamente divulgado e adaptado, em muito devedor à formalização que os arquitectos Raymond Unwin e Barry Parker conferiram à abstracção de Howard.

Uma das propostas mais polissémicas do contexto internacional parece ter sido de facto a formulação da Garden-City, que foi posteriormente adaptada às reflexões do Movimento Moderno de expressão alemã, que permitiu, por sua vez, o cruzamento dos seus princípios conceptuais e ideológicos (como a questão da cidade social levantada por Ebenezer Howard) com os códigos expressivos, tipológicos e construtivos da arquitectura do século XX. A Garden-City e o Siedlung permitiram a criação de um modelo de cidade satélite cuja formulação em nada se devia à morfologia da cidade histórica [3]. A sua formalização baseava-se na autonomia dos traçados e, genericamente, na abertura do quarteirão e na prevalência do colectivo sobre o individual, explanado na criação de espaços comunitários, bem como numa configuração de conexões urbanas que trabalhavam a gradação

[2] Ebenezer Howard, *Garden Cities of To-Morrow*, [1898] Classic Books International, New York 2010.

[3] Marco de Michelis, «Naissance de la Siedlung», in *Les Cahiers de la Recherche Architecturale*, Paris, nº15/ 17, 1985. p 186.



FIGURA 11. PAULINO MONTEZ. BAIRRO DA ENCARNAÇÃO, LISBOA 1938-1944. FOTOGRAFIA DE 1951 A.F.C.M.L.

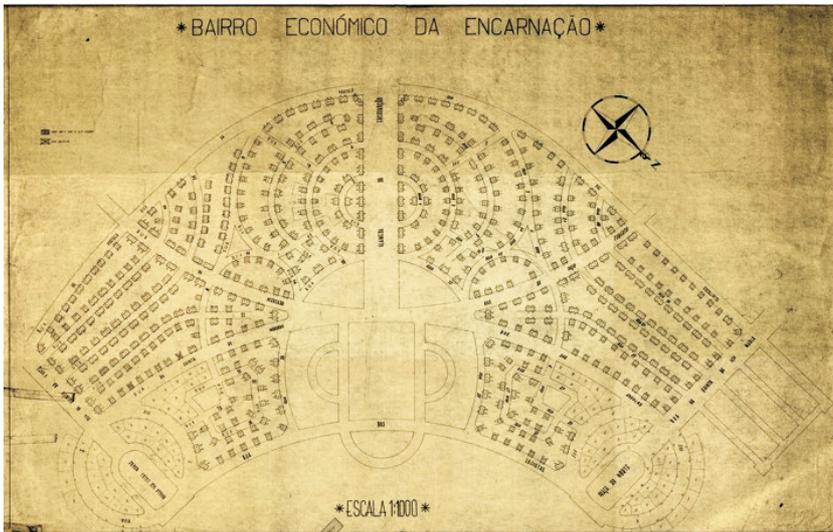


FIGURA 10. PAULINO MONTEZ. BAIRRO DA ENCARNAÇÃO, LISBOA 1938-1944. PLANTA GERAL À ESCALA 1:1000. N/ DAT. A.M.L.

de escalas da cidade, desde a conexão regional até ao percurso pedonal no interior dos bairros.

Herdeiro do modelo de casa unifamiliar em banda da Cité Ouvrière parece ter sido o nascimento do conceito de existenzminimum, o espaço interior otimizado da célula habitacional, que vai ser associado à construção da habitação colectiva na cidade, para o maior número possível de habitantes. Assim aconteceu com a experiência austríaca do Wiener Gemeindebauten e com os Siedlungen de Frankfurt constituídos sob coordenação de Ernst May. Esta estratégia em torno da célula habitacional de áreas mínimas será aprofundada no âmbito dos Congressos Internacionais de Arquitectura Moderna e ficará associada à investigação sobre a habitação colectiva conduzida pelo Movimento Moderno.

Todos estes modelos, da forma urbana à célula habitacional, são apreensíveis na cultura arquitectónica portuguesa, embora sempre desligados de uma abordagem tecnológica e de um modelo de aplicação sistémico que permita a sua execução e reprodutibilidade em larga escala. O destina-



FIGURA 13. JANUÁRIO GODINHO. BAIRRO MARECHAL CARMONA (ACTUAL NORTON DE MATOS) COIMBRA, 1944-1950. FOTOGRAFIA DE JARDIM DE 2012.



FIGURA 12. JANUÁRIO GODINHO. BAIRRO MARECHAL CARMONA (ACTUAL BAIRRO NORTON DE MATOS) COIMBRA, 1944-1950. PLANTA GERAL S/D. ARQUIVO HISTÓRICO C.M.C.

tário destes projectos foi em Portugal, tal como no contexto europeu, o trabalhador (da indústria ou da agricultura) com fraco poder aquisitivo, que não poderia adquirir habitação fora de um programa de habitação de interesse social. Mesmo no contexto internacional, no que aconteceu na Alemanha da República de Weimar, muitos dos projectos destinados originalmente às classes operárias foram ocupados por trabalhadores das classes médias, os únicos que podiam suportar a evolução do custo do arrendamento [4].

No contexto português, o Estado Novo iria privilegiar a figura do (pequeno) proprietário na sua política de construção de bairros de Casas Económicas e de Renda Económica, provocando um sucessivo adiamento da possibilidade de resolução do problema da habitação, que iria convergir no final da década de 1960 para uma situação limite e obrigar à alteração das políticas em curso. Fixamos três fases:

—Impasse. Desde o início do programa das Casas Económicas e posteriormente das Casas de Renda Económica, a relação entre os bairros e a cidade não se fez no sentido da continuidade morfológica e de infraestrutura. O bairro assumiu, nestes programas, em particular nas Casas Económicas, na maior parte dos exemplos construídos, um carácter de conjunto autónomo. Esta autonomia era sobretudo morfológica, já que nenhum dos exemplos referidos (em Portugal) possuía autonomia de produção conforme o modelo da Garden-City defendida.

Este facto esteve relacionado com uma decisão condicionada por vários factores. Face à ausência genérica de Planos de Urbanização, ou pelo menos à sua aprovação e implementação, os projectos guiaram-se por um critério de localização de estradas radiais ou acessos pré-existentes. Ou seja, por um critério de conexão regional, mais do que por associação a um determinado complexo produtivo.

[4] Jorg Haspel; Annemarie Jaeggi, *Housing Estates in the Berlin Modern Style*, Deustcher Kunstverlag, Berlin 2007. p.31.

Ainda assim vários exemplos demonstram uma afirmação dos valores colectivos sobre os individuais, na senda da valorização do espaço exterior à célula habitacional. Os exemplos apresentados demonstram o cruzamento da matriz da Cité Ouvrière, com os seus traçados hipodâmicos, com formalizações que se aproximam dos Siedlungen da arquitectura moderna de expressão alemã, onde se experimenta a variação sobre a repetição de um módulo e o recurso a uma expressão dos edifícios baseada em elementos simplificados.

Deste modo podemos afirmar que os projectos capazes de gerar significado, partir das suas propostas urbanas seriam o Bairro Operário/Nossa Senhora da Assunção (1936), em Olhão; o projecto para o Bairro Municipal de Olhão (s/d), de Carlos Ramos; o Bairro Operário (1941-1945) em Olhão e o Bairro dos Pescadores (1941-1945), na Fuseta, de Inácio Peres Fernandes e o Bairro do Alvito (1937-1938), em Lisboa, de Paulino Montez e o Bairro Engenheiro Duarte Pacheco (1948-1953), em Olhão, de Eugénio Correia.

—Desenvolvimento. Enquanto que na década de 1930 se havia ensaiado uma escala de bairro em várias localizações periféricas, testada noutra escala ainda mais pequena fora dos grandes centros urbanos, na década de 1940 a escala e a diversidade das intervenções é exponenciada, e a sua coeção à cidade mais evidente. Com a conjuntura da década de 1940, é colocada em acção uma política operativa de construção pública ou municipal, baseada numa estratégia que incluía a eliminação do monopólio privado do solo urbano, a criação de medidas de estímulo ao trabalho e a implementação de grandes empreendimentos de obra pública. Trata-se de uma época em que se pode afirmar o desenvolvimento quantitativo e qualitativo da arquitectura e do urbanismo.

Neste período coincidem várias abordagens à forma urbana, como que afirmando a simultaneidade de possibilidades face ao passado recente aqui defendido como um impasse. As abordagens incluem os traçados Garden-City, os esquemas provenientes do plano Radburn e o recurso e esquemas organizativos em barra. Identificam-se ainda respostas híbridas que cruzam várias matrizes, gerando modos de abordagem à forma urbana singulares. Deste modo podemos afirmar que os projectos capazes de gerar significado, partir das suas propostas urbanas seriam o Bairro da Encarnação (1938-1944), em Lisboa, de Paulino Montez; o Bairro Marechal Carmona (actual Norton de Matos) (1944-1950), em Coimbra, de Januário Godinho; as Casas de Renda Económica, Células I e II do Bairro de Alvalade (1946-1950), em Lisboa, de Miguel Jacobetty Rosa com plano de Faria da Costa; o Bairro de Ramalde (1951-1960), no Porto, de Fernando Távora; o Bairro Operário da Ponte da Pedra (1954-1962), na Ponte da Pedra, Maia, de Arménio Losa e Cassiano Barbosa.

Fragmento. As transformações conceptuais e metodológicas, introduzidas pelo Inquérito à Arquitectura Popular Portuguesa na arquitectu-

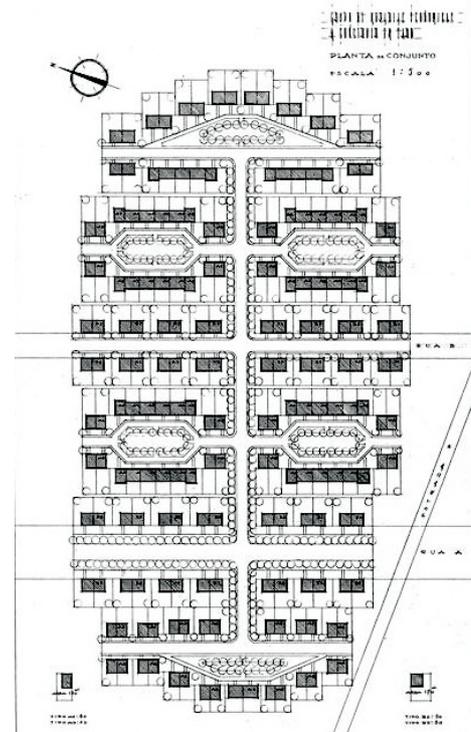


FIGURA 14. BAIRRO DE CASAS ECONÓMICAS/ BAIRRO DO BOM JOÃO, FARO 1941. PLANTA DE CONJUNTO ESCALA 1:500 S/D. ARQUIVO SIPA/IHRU/DIBA/FORTE DE SACAIVÉM.



FIGURA 16. FERNANDO TÁVORA. CASAS DE RENDA ECONÓMICA, BAIRRO DE RAMALDE, PORTO. 1950-1960. FOTOGRAFIA S/D.

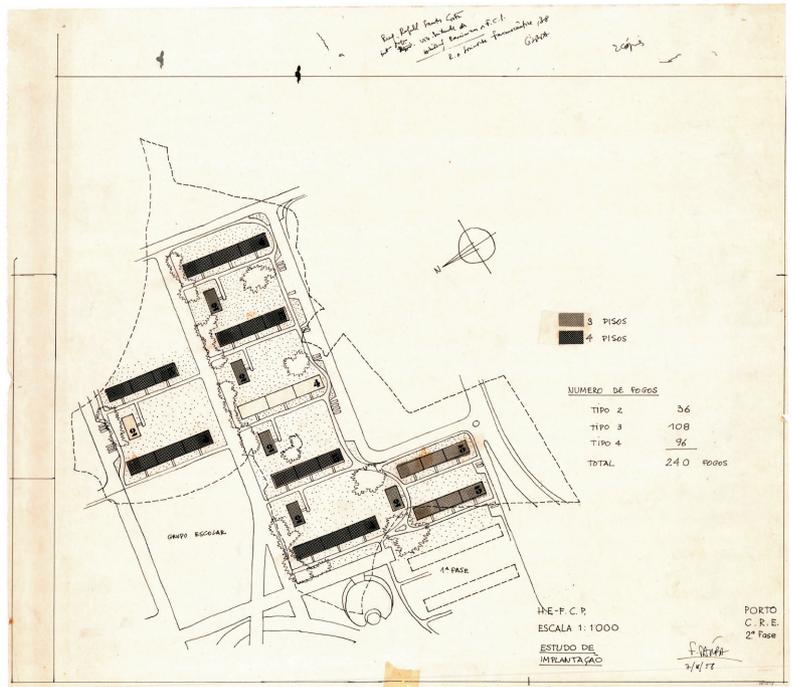


FIGURA 15. FERNANDO TÁVORA. CASAS DE RENDA ECONÓMICA, BAIRRO DE RAMALDE, PORTO. 1950-1960. DETALHE DO ESTUDO DA IMPLANTAÇÃO (PLANTA), 2ª FASE, ESCALA 1:1000, 1958. E.F.T. FIMAS.

ra feita em Portugal, vão intensificar o debate [5] e a possibilidade de concretização de cada caso como uma oportunidade de experimentação e reforçar a ideia de oposição ao projecto standard ou projecto-tipo, uma ideia basilar do desenvolvimento da construção de habitação. A relação entre o habitat individual e colectivo, entre tipologia e morfologia, conhecem um novo protagonismo a partir da década de 1960 e a habitação social é tomada como actividade central no pensamento disciplinar e político, mas não necessariamente construída segundo estes preceitos.

As propostas mais polissémicas da arquitectura feita em Portugal entre a década de 1960 e 1970 são projectos de escala moderada, mas cujos temas permitiram extrapolações teóricas para outras situações de contexto geográfico ou de encomenda. As propostas trabalham a sua condição de fragmento e daí retiram a possibilidade de se assumirem com uma especificidade que as afasta do projecto-tipo, e as coloca como exemplo de superação definitiva do discurso urbanístico e arquitectónico da Carta de Atenas.

Assistimos na década de 1970 à afirmação da impossibilidade da casa unifamiliar ser um modelo a adoptar (na senda das propostas de arquitectos como Aldo Rossi e Carlo Aymonino), mas, em simultâneo, assistimos também à adopção de modelos ligados às experiências internacionais derivadas da Garden-City e do movimento Siedlung. Com o enquadramento político da Revolução de 1974 e com a criação do Serviço de Apoio Ambulatório Local foi possível retomar os princípios da cidade social, traduzidos numa arquitectura que recorria aos modelos eruditos da tradição moderna e em simultâneo valorizava um processo participado.

[5] Ana Tostões, Os Verdes Anos na Arquitectura Portuguesa dos Anos 50, FAUP, Porto 1997. p. 159.

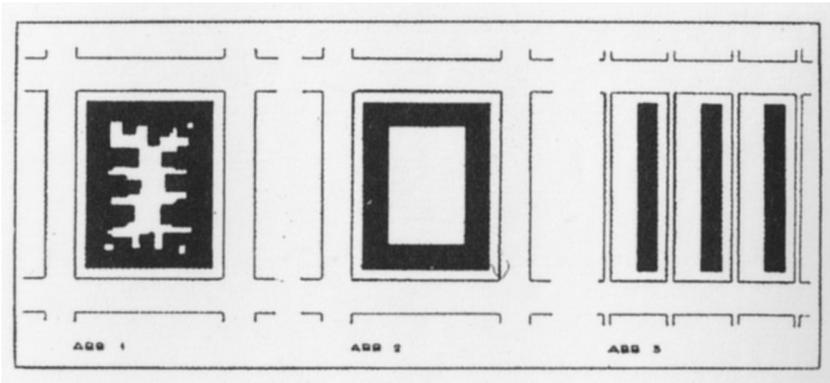


FIGURA 17. WALTER GROPIUS. DIAGRAMA EVOLUTIVO, EM PLANTA, DO QUARTEIRÃO À BARRA. 1930-1931.

Deste modo podemos afirmar que os projectos capazes de gerar significado, partir das suas propostas urbanas seriam o Bairro Económico da Chamusca (1960), na Chamusca, de Bartolomeu Costa Cabral e Vasco Croft de Moura; o Plano do Restelo, em Lisboa (plano 1970, edifícios 1972-1975), de Nuno Teotónio Pereira, João Paciência, Nuno Portas e Pedro Botelho; a operação S.A.A.L. Casal Figueiras, em Setúbal (1974-1979), de Gonçalo Byrne; o Plano da Malagueira (1977-1996), em Évora, de Álvaro Siza e o Bairro do Alto do Zambujal, na Amadora (1976-79) de Vítor Figueiredo.

Legado

As obras referidas apresentam capacidade de produção de um habitat bem distinto, em termos qualitativos, da produção genérica que com esta foi sincrónica, mas também com a produção posterior ao SAAL. Pese embora a qualidade disciplinar dos exemplos apresentados neste estudo, não é possível defender a sua inclusão numa política de habitação definida. Mesmo os estudos de caso emergem de programas avulsos, criados e geridos «ao sabor de conjunturas políticas e financeiras, sem a adequada preparação prévia nem a garantia dos meios para a respectiva concretização» [6].

A especialização da forma e do tipo, resultante do cruzamento entre o organigrama e os sistemas construtivos contemporâneos baseado na reprodutibilidade das partes e na durabilidade reduzida, o abandono progressivo do Estado como promotor de habitação de interesse social e o tema da mobilidade rodoviária alteraram profundamente os pressupostos das matrizes modernas (do século XIX em diante) em termos de reflexão sobre cidade. Parecem até ter exaurido a possibilidade de construir habitação colectiva com significado.

Tudo isto ocorre num momento em que a cidade social trabalhada por pensadores e arquitectos desde o início do século XX se minoriza, facto naturalmente acompanhado por um desinvestimento na construção da habitação como um bem colectivo. Este desinvestimento parece colidir com os princípios da estabilidade social e política, abdicando da arquitectu-

[6] António Fonseca Ferreira, *Por uma Nova Política de Habitação*, Edições Afrontamento, Porto 1987. p. 31.



FIGURA 20. GONÇALO BYRNE. CASAL FIGUEIRAS, SETÚBAL. 1975-1979. FOTOGRAFIA S/D ARQUIVO G.B.

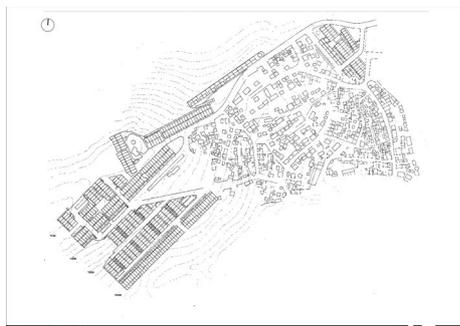


FIGURA 21. GONÇALO BYRNE. CASAL FIGUEIRAS, SETÚBAL. 1975-1979. PLANTA DE IMPLANTAÇÃO S/D ARQUIVO G.B.

ra como disciplina capaz de gerar as condições de execução desses princípios de qualidade para o maior número. Como afirma o historiador Tony Judt, (1948-2010) a propósito do desmantelamento do Estado-Providência e do mercado não regulamentado: «Porque a estabilidade social e a estabilidade política também são variáveis económicas importantes, e em culturas populares onde o Estado-providência é a condição para a paz social, ele é por isso uma vantagem económica local decisiva, seja qual for de facto o seu comportamento económico» [7]. Mas o mundo contemporâneo evoluiu para outro estado onde se assiste à desindustrialização e onde «já não se fala de trabalhadores ou operários, mas de homens. Não se fala de redistribuição, de conflito, mas de competição. Nem de movimento internacional» [8]. Este estudo demonstrou precisamente a resposta no âmbito da arquitectura, genericamente entre 1930 e 1970, onde estes temas eram ainda estruturantes na relação entre sociedade e território, bem como a sua relação com o panorama internacional onde a génese das propostas recua ao século XIX.

Hoje o conhecimento retrospectivo sobre o habitat, a habitação colectiva e a forma urbana, permite afirmar o «descrédito em que caíram os organigramas funcionais da casa» [9]. A este descrédito acrescentaríamos a aparente incapacidade de criar cidade a partir dos modelos urbanísticos dominantes herdados do século XX, inicialmente derivados da Garden-City e da Carta de Atenas e rapidamente transformados em veículo de construção de cidade sem ter em conta as relações exteriores ao próprio edifícios, sobretudo aqueles mais directamente relacionados com a segmentação programática da cidade.

Se o organigrama, transformado em edifício ou projecto urbano, exerceu uma redução no significado da forma urbana e na cultura doméstica, verifica-se também que os modos de produção de cidade na segunda

[7] Tony Judt, *O Século XX Esquecido. Lugares e Memórias* [Reappraisals: Essays on America, Israel and the World since 9/11 2008], Edições 70, Lisboa 2010. p. 431.

[8] Franco Cazzola, «A Esquerda morreu, porque morreu a sua linguagem» in *Público*, 28 de Janeiro 2012. p. 06.

[9] Txatxo Sabater, «La Estructura Habitacional. Entre la Casa y la Vida», in *Acerca de la Casa*, Junta de Andalucía. Consejería de Obras Públicas y Transportes, Sevilla 1994. p. 13.

metade do século XX, até à cidade contemporânea do mercado global, não possuem uma monotização por parte da disciplina da arquitectura, entendida como gerador de significado.

A questão da periferia ocupa na contemporaneidade um lugar central no debate disciplinar sobre a cidade. Não só porque é dominante face à chamada cidade histórica, mas também porque congrega derivações e cruzamentos de vários modelos históricos. A cidade periférica é dificilmente apreensível com os instrumentos que habitualmente usamos para proceder à análise da cidade histórica.

O confronto com o mundo contemporâneo demonstra um desfazamento progressivo entre a ordem territorial e as possibilidades geradas pela produção teórica. A resposta às questões que se colocam hoje na cidade, mais do que na realização de unidades de habitação ou bairros, prende-se com a matriz dos traçados e da sua capacidade para configurarem um suporte consistente e significativo da diversidade das formas habitacionais [10].

Pensamos que uma perspectiva analítica no âmbito político e disciplinar, poderá alargar-se a novas leituras e interpretações cientificamente enquadradas, em torno dos processos que envolvem o habitat que resultou das novas variantes estruturais instauradas pela Revolução de Abril de 1974 e, em particular, pela integração de Portugal na Comunidade Europeia a partir de 1985. A pertinência do desenvolvimento continuado da investigação sobre o habitat e a sua produção teórica, prende-se com a necessidade de indagação sobre a relação entre a urbanística e a arquitectura, consubstanciada no projecto urbano, sobre os seus fundamentos e a sua capacidade de gerar lugares humanizados para a vida quotidiana. ■

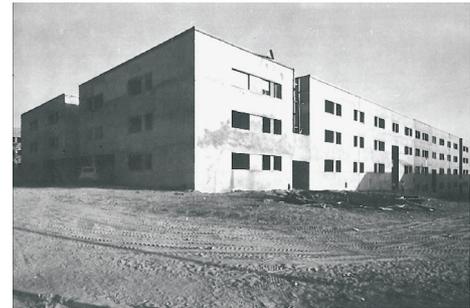


FIGURA 22. VÍTOR FIGUEIREDO. BAIRRO DO ALTO DO ZAMBUJAL, LISBOA 1976-1979. FOTOGRAFIA S/D. ESPÓLIO VÍTOR FIGUEIREDO/ARQUIVO SIPA/IHRU/DIBA/ FORTE DE SACAÉM.

FIGURA 23. VÍTOR FIGUEIREDO. BAIRRO DO ALTO DO ZAMBUJAL, LISBOA 1976-1979. MAQUETA. ESPÓLIO VÍTOR FIGUEIREDO/ARQUIVO SIPA/IHRU/DIBA/ FORTE DE SACAÉM.

[10] Nuno Portas, «A Arquitectura da Habitação no Século XX Português», in Portugal: Arquitectura do Século XX, Lisboa, Portugal/ Frankfurt 97 S.A., 1997 p. 121.

BIBLIOGRAFÍA

- FERREIRA, António Fonseca. *Por uma Nova Política de Habitação*. Porto, Afrontamento, 1987.
- HALL, Peter. *Cities of Tomorrow. An Intellectual History of Urban Planning and Design in the Twentieth Century*. Oxford, Blackwell Publishing, 2002 [1988]. ISBN 0-631-23264-8.
- HASPEL, Jorg; JAEGGI, Annemarie (Ed.). *Housing Estates in the Berlin Modern Style*. Berlin, Deustcher Kunstverlag, 2007. ISBN 978-3-422-02100-6.
- HOWARD, Ebenezer. *Garden Cities of To-Morrow*. New York, Classic Books International, 2010 [1898]. ISBN 9781452802855.
- HOWARD, Ebenezer. *To-Morrow A Peaceful Path to Real Reform*. Cambridge, Cambridge University Press, 2010 [1898]. ISBN 978-1-108-02192-0.
- JUDT, Tony. *O Século XX Esquecido. Lugares e Memórias (Reappraisals: Essays on America, Israel and the World since 9/11)*. Lisboa, Edições 70, 2010 [2008]. ISBN 978-972-44-1542-0.
- STUBBEN, Joseph. *La Construction des Villes: règles pratiques et esthétiques à suivre pour l'élaboration de plans de villes: rapport présenté au Congrès International des Ingénieurs de Chicago, 1893*. Paris, E. Lyon-Claesen, 1895.
- TOSTOES, Ana. *Os Verdes Anos na Arquitectura Portuguesa dos anos 50*. Porto, Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, 1997. ISBN 972-9483-30-2

Fecha de recepción:
21 de septiembre de 2013

Fecha de aceptación:
18 de octubre de 2013